

AS MANIFESTAÇÕES DO DESAMPARO EM ADOLESCENTES POSTAS EM ATO E NO CORPO

2017

Sandro Stank da Silva

Psicólogo graduado no Centro Universitário da Serra Gaúcha (Brasil).
Psicanalista em Formação.

Magda Medianeira de Mello

Doutora em Psicologia pela UAM (Brasil)
Professora do Centro Universitário da Serra Gaúcha/RS (Brasil)
Psicanalista.

E-mail para contato:
[magdamello23@gmail.com](mailto:magdamedello23@gmail.com)

RESUMO

Este artigo de cunho teórico tem seu viés de pesquisa alicerçado na psicanálise, com o foco da investigação voltado para identificar as manifestações do desamparo em adolescentes postas em ato e no corpo. Contextualiza a adolescência na atualidade e aborda questões relacionadas às manifestações do desamparo postas no corpo, como a impressão de marcas na pele, a exemplo das tatuagens. Na adolescência, o corpo é tomado por profundas modificações e transforma-se em cenário de expressão da subjetividade. O trabalho psíquico típico do período exige do adolescente os processos de simbolização. Em contrapartida, encontramos as marcas corporais e atos, como resultado das impossibilidades de simbolizações psíquicas. Concluimos que as falhas nas representações psíquicas, provenientes da situação de desamparo, necessitam ser recuperadas através do espaço de escuta da fala dos adolescentes.

Palavras-chave: Desamparo, subjetividade, adolescente, ato, corpo.

Copyright © 2017.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema principal investigar a questão do desamparo na adolescência na contemporaneidade. São entendidas as inquietações postas em ato pelos adolescentes, bem como o uso do corpo em forma de cenário, no qual aparecem as incapacidades de simbolizações. O trabalho psíquico típico da adolescência levanta questões instigantes para a reflexão.

Os procedimentos metodológicos utilizados, pela característica do tema proposto, assumiram um caráter de pesquisa teórica, na qual, num primeiro momento, realizou-se um repasse exploratório entre alguns autores acerca do tema. Observou-se que a adolescência traz em si, além das imposições da atualidade, dado o contexto social no qual vivemos, a tarefa de dar abrigo à castração como registro de falta, uma incapacidade de simbolização originada pela falha nas representações. Considera-se que, sem o registro de falta nos sujeitos, estes caminham para o vazio de não saber nem mesmo o que desejar, deixando aberto um espaço que é ocupado pelo padecimento psíquico. O sofrimento e a dor, quando não simbolizados pela palavra, encontram sua válvula de escape no ato ou no corpo.

A ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE

Abordar o tema da adolescência no contexto social e cultural na atualidade é tarefa extensa e, justamente por ser um tema amplo, faz-se necessário delimitar o assunto, para que se torne mais preciso no que se pretende: as manifestações dos adolescentes. A problemática da juventude na atualidade é caracterizada pela complexidade, pois pressupõe no seu interior uma multiplicidade de temas possíveis, que poderiam todos serem inscritos no seu campo, com toda a pertinência (BIRMAN, 2003).

A adolescência obedece a um estatuto social vigente na sociedade atual. A característica básica configura-se como uma espécie de moratória imposta pela coletividade ao sujeito, cabendo a esse conquistar espaço dentro do mundo adulto para sair da adolescência. É um período de suspensão de alguns direitos no qual, ao mesmo tempo em que o sujeito é capaz de muitas coisas, é-lhe dito que ainda não está bem na hora (CALLIGARIS, 2014).

Entendemos que a adolescência atual é um evento criado pelo social que conquistou destaque na pós-modernidade, embora sempre tenha existido atenção enquanto faixa etária através dos tempos. Em termos históricos, porém, só recentemente se constituiu em grupo social que desperta interesse e justifica um trabalho como este. Até então, o devir do adolescente estava voltado para questões morais, físicas e econômicas dentro do grupo social que o constituía.



Na contemporaneidade, um sujeito só terá o reconhecimento dos adultos e sairá da adolescência na medida em que conseguir se afirmar com a independência e a autonomia que os adultos dizem ter para si. Na adolescência há uma interpretação de sonhos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele (CALLIGARIS, 2014).

Reiteramos que, para entendermos a adolescência no mundo atual, não basta mais considerarmos apenas a dimensão biológica em que o sujeito está inserido; há de se considerar as alterações ocorridas nos campos sociais e culturais que implicam essa mudança. Pelas mudanças institucionais ocorridas nas esferas da família, da educação, do trabalho e da saúde na contemporaneidade, podemos afirmar que vivemos um período de alongamento da adolescência, que inicia mais cedo e se estende até mais tarde, invadindo o espaço da vida adulta. O que outrora era conhecido como juventude não pode ser considerado assim na atualidade. Isto porque a temporalidade da juventude se alterou de maneira substantiva, seja na transformação da infância que precede, seja na idade adulta que a sucede (BIRMAN, 2005).

No contexto abordado, torna-se relevante destacar a importância da instituição família, que sobreviveu a todas as mudanças do mundo tradicional e da modernidade, firmando seu papel central nas subjetivações dos sujeitos. Assim, no seio da família são transmitidas as primeiras noções de amor e desamor, continência e interdição. É no espelhamento familiar que o adolescente toma exemplo para constituir sua própria família.

O adolescente em conflito com a lei, por exemplo, revela falhas relacionadas ao acolhimento necessário frente ao desamparo do recém-nascido, que deveria ter sido realizado pela mãe, bem como apresenta dificuldades na contenção de angústia. A falta de investimento afetivo no sujeito abre espaço para o vazio do desamparo, resultado do empobrecido encontro entre a mãe e o bebê e os outros na tenra infância. Neste sentido, quando a mãe dá assistência ao filho, a angústia deste é humanizada por meio de percepções sutis e palavras (DOLTO, 2012).

Outra questão a destacar refere-se ao estabelecimento da lei imposta pelo pai na fase edípica, uma vez que essa lei inscreve no sujeito as regras, normas e conseqüentemente os valores humanos. Trata-se da função paterna no tocante ao estabelecimento de limites, para que o desamparo no adolescente não marque presença pela passagem ao ato ou no corpo. Evidencia-se, na clínica atual, a fragilidade do sujeito frente à valência paterna, bem como certa incapacidade de defrontar-se com as exigências do mundo, de compreendê-lo e metaforizá-lo. Acrescentam-se a essa ideia os personagens parentais concretos ou seus substitutos sociais, percebidos como seres comuns, homens sem qualidade – “nulos”, segundo a expressão de muitos adolescentes, cada vez menos capazes de reconhecer e colocar limites (CAHN, 1999).

Neste sentido, se o adulto portador da responsabilidade frente ao adolescente reflete o desejo de estar no lugar deste, por que o adolescente desejaria alcançar a adultez com todas as ditas responsabilidades da vida?

Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram, no âmago dos adultos, um espelho para se contemplar. Solicitam uma palavra para crescer e o olhar necessário para deixarem o casulo em direção ao crescimento (CALLIGARIS, 2014).

Somadas a essas alterações – a família atual, falta de limites, clareza de papéis nas relações entre pais e filhos –, emergem questões psicológicas que refletirão no corpo ou em ato nos adolescentes. Assim, esse conjunto de transformações incidiu na economia do narcisismo das crianças, inicialmente, e dos adolescentes, posteriormente. Reproduziu, por conseguinte, novas modalidades de subjetivação e de transtornos psíquicos, que passaram a caracterizar a subjetividade na contemporaneidade (BIRMAN, 2007).

Nesse contexto, o desamparo em adolescentes manifesta-se em atos e no corpo. Exemplos disso são os atos infracionais e as impressões de marcas na pele, representantes dos sintomas da contemporaneidade. A psicanálise nos mostra que nascemos desamparados. Necessitamos dos investimentos materno e paterno para que sejam assegurados limites e cuidados. É através do encontro com a mãe que o sujeito se inscreve no mundo e significa-se enquanto pessoa.

Torna-se necessário, para atravessar esse caminho rumo à vida adulta, independentemente da cultura a qual o adolescente esteja inserido, a realização de um intenso trabalho psíquico. Esse trabalho tem como objetivo principal elaborar respostas que sustentem seu projeto de vida. Os valores abrirão espaço para pensar na escolha de novos objetos, seu trabalho e seus valores de vida.

ATUAÇÃO COMO LINGUAGEM NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um tempo de transformações, que se inicia na puberdade com as mudanças físicas inscritas no corpo. Ao mesmo tempo, acionam-se angústias destinadas às incertezas, aos temores relativos ao futuro e ao desamparo. A ausência de palavras e impossibilidade de mediação das forças psíquicas encontram no ato sua forma de expressão. Por definição, o termo *atuação*, que vem da tradução da palavra alemã *agieren*, significa agir, atuar. Ato por meio do qual o sujeito, sob o domínio dos seus desejos e fantasias inconscientes, vive-os no presente com um sentimento de atualidade, “na medida em que desconhece a sua origem e o seu caráter repetitivo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 44).



Como já referido, a psicanálise tem nos mostrado que aquilo que não é dito, que não é escutado, manifesta-se em ato ou no corpo. Denuncia, por assim dizer, a força da energia psíquica que não é esgotada através da fala. É consenso entre os autores pensar a adolescência como um período da vida em que a atuação adquire uma característica destacada no comportamento. Portanto, ao comunicar enigmas que não encontram palavras para se expressar, os adolescentes impõem o decifrar, nas entrelinhas, de seus códigos postos em atos ou marcados no corpo.

O adolecer sofreu importantes alterações às respostas dadas à pressão interna, decorrentes da energia psíquica, gerada pela passagem do sujeito criança para seu tempo adolescente. As condições singulares determinam, diretamente, a capacidade de elaborar ou não questões ligadas ao processo de amadurecimento – a história de vida de cada indivíduo é fundamental. Diante das fragilidades subjetivas apresentadas por determinados sujeitos, abre-se o campo para o fenômeno da destrutividade, presente na mudez da pulsão de morte, a qual aparece nas manifestações em ato (MONTEIRO, 2011).

Entende-se a atuação como uma manifestação de dor, que, se escutada, poderá traduzir-se em busca de decifração, em formação de demanda para (re)significações; caso contrário, poderá cristalizar-se no comportamento do sujeito. Comprometerá, necessariamente, a possibilidade de subjetivação.

O desafio está no limite de normalidade ditado pela sociedade atual. A comunicação em ato permanece no comportamento do sujeito, por mais tempo do que seria considerada a adolescência enquanto fase do desenvolvimento. A escuta afinada diferenciará as formas de expressão como produção de demanda, passagem da dor para o sofrimento. Produzir-se-á, assim, o campo para dar voz ao sujeito antes assujeitado.

Outro viés a ser considerado relaciona-se às dificuldades encontradas no contexto cultural e social atual em impor limites ao sujeito. Abre-se espaço para o vazio do não sujeito desejante. O padecimento não encontra na palavra sua válvula de escape e direciona para o ato ou para o corpo o sofrimento psíquico. A sociedade encontra-se impedida de dar guarida à castração como registro de falta que perpassa a condição humana. Promove demandas de busca insaciáveis de imagem plena e sensação de completude que nunca conseguem ser supridas. Predomina no sujeito o vazio de não saber o que desejar (MONTEIRO, 2011).

Observa-se, na clínica psicológica atual, a questão do desamparo na adolescência direcionado ao ato e ao corpo, como expressão de linguagem. Isso demonstra o sofrimento humano advindo do desamparo na contemporaneidade. Por outro lado, dentro desta reflexão, o ato infracional leva o adolescente ao Judiciário, na busca do limite que não lhe foi dado. Deste modo, quanto mais as sociedades evoluem, permitindo aos indivíduos melhorar suas condições

de vida material e de saúde, na mesma proporção fabricavam sofrimento e a infelicidade. A violência desencadeada, insensível à dor infringida a outrem, dirige a humanidade à destruição (ROCHA, 2010).

Neste sentido, o ressentimento denota que o sujeito vive antigos sentimentos marcados em sua história, com uma carga de dor e ódio daquilo que não foi posto em palavra como possibilidade simbólica de significação. Reitera, desta forma, a posição ressentida de dar destino à vida.

É importante ressaltar o tema do ressentimento. Nesse sentido, cabe a afirmação de que o afeto sustenta uma lógica narcísica que atribui ao outro a responsabilidade dos seus atos, fazendo com que o sujeito não se implique com suas questões. E, embora não esteja implicado com seu ato, acaba por gerar uma marca em sua história (KEHL, 2014).

O aparelho psíquico também se constitui de uma grande quantidade de marcas, de excesso de memórias - inclusive memórias do que não ocorreu. Mas, independentemente de ter se passado com o sujeito ou não, são marcas deixadas em sua história, e estas são presentes, atuais. Sabe-se também que a causa da doença não é o acontecimento em si, mas sim as representações das marcas deixadas pelo ocorrido; é a história e não o passado, reforçando, assim, outra vez, a importância da palavra como uma via para historicizar o sujeito. Faz-se necessária uma diferenciação em relação ao passado e a história atual, na qual o passado assume uma dimensão temporal. Ressaltam-se aspectos do real na vida do sujeito, enquanto a história passa a ser um relato do presente acerca do passado; é a simbolização que poderá ocorrer em relação ao que se passou. A história não é definitiva; é um trabalho de construção e reconstrução, pois se refere a um passado que é construído no presente (LEIVI, 1995).

Se pensarmos o tema adolescente em conflito com a lei, não temos como dissociar o sujeito da sua história individual, bem como das experiências vividas no campo intersubjetivo; das falhas nas representações psíquicas que o constituíram. Esse comprometimento em relação ao seu encontro com o outro é que tentaremos abordar em Eros e Tânatos.

DE EROS A TÂNATOS NA ADOLESCÊNCIA

Sentimentos como amor e ódio, questões relacionadas à vida e à morte, ao pensar, fazer e sentir são inerentes aos seres humanos e presenças constantes no cotidiano da humanidade. Isso independe da cultura em que estejam inseridos e da fase da vida em que se encontram. A mitologia, ao longo dos tempos, sempre nos auxiliou em questões fundamentais e essas dualidades de pensamento entre vida e morte estão representadas por Eros e Tânatos.



Essa é uma discussão que nos remete a refletir sobre as falhas nas representações psíquicas, que se manifestam na atualidade como o novo mal-estar, evidenciadas no corpo e em ato. Há um paradigma essencial na psicanálise: pode-se afirmar que as representações psíquicas se definem de três modos: o representante psíquico da pulsão, o mais próximo do corpo; o representante ideativo, representação sob a forma do traço mnemônico de um objeto situado no exterior da psique; a representação da palavra, sistema constituído por derivações unindo concreta e abstratamente, ao mesmo tempo, o sujeito, o objeto e o referente (GREEN, 2008).

O tema central das representações psíquicas, para a psicanálise freudiana, está ligado a dois processos básicos: o da representação de coisa, formado por traços mnemônicos, e o da representação de palavra, composto por elementos de linguagem. É na junção dessas representações que se produz, em situação normal, a consciência dos fatos psíquicos, nomeando as emoções – o que não observamos em adolescentes em conflito com a lei.

A atualidade tem mostrado essa dificuldade em nomear as emoções, evidenciando-as no corpo e no ato, como uma proliferação do somático no sujeito. Vão desde dores, diversas e inespecíficas, até sensações de completo esgotamento. O corpo aparece como uma ramificação do ato, que produz no corpo o seu registro, pelo fato de o sujeito não conseguir produzir a simbolização necessária do seu sofrimento através da fala. Assim como as compulsões, onde há falhas nos controles dos impulsos, que vão ao ato, produzindo efeitos, por vezes devastadores ao sujeito. Podemos pensar no estresse como somático, onde o corpo recebe os efeitos da dor psíquica não nominada (BIRMAN, 2003).

O processo de empobrecimento da simbolização do discurso, ocorrido pelas falhas nas representações psíquicas, também aparece em ato no adolescente quando este recorre à violência para demonstrar o dramático cenário constituído pelo desamparo. Para interpretar todo esse discurso, poderíamos pensar em uma dor que não consegue se caracterizar em sofrimento. Dessa forma, a dor permanece atrelada ao sujeito, ficando fechada dentro de si mesma, sem qualquer dimensão alteritária, levando-o a impor no corpo ou no ato a intensidade desta.

Pensem a questão das tatuagens como forma de expressão do desamparo no corpo. A impressão de marcas na pele poderá representar conteúdos não inseridos na posição sexuada e que ocupam espaço no suporte corporal do sujeito. Marcar a pertença do próprio corpo como símbolo do real, este é o sentido.

A tatuagem, ao mesmo tempo em que coletiviza o sujeito, conferindo-lhe status de representatividade social dentro de um grupo, proporciona também singularização, algo seu, próprio da sua subjetividade. Embora para o senso comum a tatuagem ocupe espaço apenas na questão do estético, não se pode ignorar sua dimensão no reforço do suporte corporal e como representação social. Tatuagem não é somente pintar-se, é também escarificar: introduzir pigmentos

na derme compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto de coletivizar quanto de singularizar (COSTA, 2003).

Embora a tatuagem não diga respeito a um mau funcionamento psíquico, constitui-se em elo estabelecido da relação do sujeito com o ambiente, com o outro e com a realidade. Ela confere aos adolescentes sentimentos de representação, amparo e pertença, perdidos talvez na travessia para o mundo adulto.

A tatuagem, por um lado, vem a serviço de uma pulsão que tem por objetivo erotizar o corpo, com a função de reconstituir o suporte corporal modificado pelas alterações próprias da idade. Marca a transição do corpo infantil para o corpo adulto – assim como representa outro tipo de mudança ocorrida na vida dos sujeitos, não simbolizada na palavra, fazendo com que esse perca seus referentes que o amparam, trazendo para o corpo uma nova inscrição. O ato, por outro lado, permanece no lugar de dizer algo do desligado, do não dito, do destrutivo do psiquismo do sujeito.

O corpo para os adolescentes é cenário que permite representar o lugar dos vazios de representação dos ritos. A tatuagem é uma saída possível no que se refere ao encontro do adolescente com a vida. Do Tanático a Eros, poderíamos nos perguntar qual a saída se não olhar para o sujeito na sua subjetividade.

SAÍDAS POSSÍVEIS PARA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um tempo turbulento, na qual a navegação se dá em águas revoltas, marcada pelas dúvidas e incertezas do devir. Por outro lado, afirma ser também um tempo de potencialidades e crescimento. O amadurecimento físico proporciona ao sujeito a possibilidade efetiva de concretização da sua sexualidade genital até então encoberta pela latência.

É importante destacar que esse processo da sexualidade trazido pelo biológico, no período da adolescência, terá todo desdobramento em áreas afetivas e cognitivas do sujeito, pois traz consigo um enfrentamento do adolescente para com o grupo social. Isso pois é esperado que o grupo social/família tente impor ao adolescente seus conjuntos normativos, sob a forma de regras, condutas, valores, costumes, práticas, rituais, que poderão trazer efeitos na constituição da personalidade do futuro adulto (HORNSTEIN, 2008).

A modelagem imposta pelo mundo dos adultos aos adolescentes é sumamente intrincada, pois o jovem tem de conciliar suas necessidades pulsionais com as regras estabelecidas pela família ou grupo social. Não raro, esse conflito se apresenta por meio do ato. Talvez o



comportamento inconstante do adolescente possa ser explicado por essa via de estruturação e desestruturação contínua do aparelho psíquico.

No tempo do adolescente, é a vivência de amor impressa na família que marca a diferença de seu futuro. Se o bebê outrora dirigia o amor unicamente ao cuidador, posteriormente o ampliando para outros membros da família, agora na adolescência, esse amor é dirigido também para o outro social - quer sejam amigos ou namorados. Existe uma ampliação do amor. Cabe ressaltar que todas essas movimentações libidinais, ocorridas pela inscrição de Eros – ou pulsão de vida, propiciam ao sujeito a capacidade de amar, o que impediria o sentimento de desamparo e de não ser desejado. A adolescência é marcada pela transição, que tem seu início no desamparo do nascimento. A partir de então, serão impressas as marcas da cultura no sujeito, em um processo contínuo ao longo da vida. Fazem parte desse trajeto incertezas, questionamentos e medos. Para atravessar esse caminho, há de se desfazer da fantasia da onipotência infantil, abrindo espaço para novas relações objetais que permitirão ao sujeito encaminhar-se para a vida adulta (LEIVI, 1995).

A adolescência sinaliza uma etapa do desenvolvimento humano, marcado por uma série de experiências, como as alterações corporais iniciadas na puberdade, com as instabilidades cotidianas, com as questões relativas ao acaso da própria existência. É também o momento de estabelecer ressignificações acerca de sua história, das suas fantasias, para realizar um trabalho psíquico que possibilite o seu crescimento. Ao se reorganizarem os processos identificatórios, possibilita ao Ego religar emoções do presente com experiências passadas. Assim, abre espaço para um projeto de vida maior, com eleição de novos objetos, consolidação dos mecanismos de defesa e com saídas que não ataquem o corpo ou irrompam em atos transgressivos.

Em relação aos atos transgressivos na adolescência, faz-se necessário sublinhar as possíveis falhas decorrentes do encontro entre mãe e bebê nos primórdios da vida. A falta de qualidade nas primeiras experiências com o cuidador inaugura no sujeito falhas de estruturação psíquica que podem levá-lo a um modelo de expressão no qual não há mediação do pensamento, ou seja, manifestando o desamparo em ato. A dupla que demanda o outro poderá estar desamparada. A passagem saudável da adolescência para a vida adulta ocorre diante da necessidade de o adolescente ressignificar sua história infantil e assumir o corpo adulto. Reorganizar o processo identificatório possibilita o desenho de um projeto de vida mais amplo.

Ressignificar sua história é o que possibilitará ao adolescente seu crescimento e concluir uma etapa ligada ao infantil. Nesse novo projeto de vida, há escolha de novos objetos e a consolidação dos seus mecanismos de defesa permite outorgar-lhe a apropriação da vida. O amadurecimento do adolescente e o trabalho de religar as emoções atuais com as infantis, em detrimento de um Ideal de Ego, abre a possibilidade de entrada no mundo adulto de maneira satisfatória - se bem realizado pelo sujeito, evidencia-se, portanto, a necessidade de dar ao

adolescente espaço para a palavra. Possibilitar a escuta para que ele possa nomear seus afetos, esvaziando-se assim, a energia Tanática, indica uma direção que facilitará o acesso para ocupar um espaço na vida e vias de descarga (HORNSTEIN, 2008).

A consolidação identificatória do adolescente, de certo modo, também coloca em prova a capacidade de transformação dos pais. Nesse tempo de elaborações e ressignificações, contar com uma família que suporte e crie condições para a escuta possibilitará a ligação da energia gerada face ao trabalho psíquico. Desvia-se, portanto, da tradução em ataque ao próprio corpo. Canalizada para um projeto de vida maior, ampliam-se as possibilidades de saúde para entrar na vida adulta. As transicionalidades, desde o brincar para vida adulta, tiveram papel fundamental para a construção da subjetivação. A força significante que a transicionalidade tem para o mundo do trabalho, no auxílio da resolução da grande equação da vida do adolescente, vem de encontro à pergunta: o que vou ser quando crescer poderá encontrar eco na transformação do brincar, como prática significante, no que conhecemos com o nome de trabalho? O que não é esperado é que o sujeito permaneça num estado de puro brinquedo (RODULFO, 1990).

RESULTADOS

Nesse tópico, pôde-se constatar, entre os autores consultados, uma diferença relacionada à conceituação da adolescência na atualidade. Pontua-se uma diferença entre juventude e adolescência: a juventude está ligada ao biológico, uma evolução ontológica, algo próprio do desenvolvimento humano, da espécie, enquanto a adolescência adquire aspecto de comportamento que pode e tem se estendido, como visto no social, para além do tempo cronológico da juventude (BIRMAN, 2005; CALLIGARIS, 2014).

A adolescência pode ser entendida como uma espécie de moratória imposta ao sujeito que, fisicamente, já está pronto para o mundo dos adultos, pois tem desenvolvidas suas capacidades para o trabalho, sexo, procriação, relacionamentos amorosos. Contudo, lhe é imposto pelo social uma suspensão desses direitos até que este conquiste espaço dentro do mundo adulto. Este novo mundo não é claro, sendo necessário, inclusive, que esse sujeito tenha que interpretar por vezes o que querem os adultos dele. Na contemporaneidade, se conquista interesse da sociedade em geral para adquirir representatividade social. Antes, eles não tinham voz que pudesse fazer com que assumissem alguma autonomia no social (CALLIGARIS, 2014).

Ressalta-se que, ao se pensar a adolescência na atualidade, há convergência de que não basta mais considerarmos apenas a dimensão biológica em que o sujeito está inserido. É preciso considerar as alterações ocorridas nos campos sociais e culturais implicadas no contexto. Podemos destacar, ainda, sob este ponto de vista, as questões relacionadas às alterações ocorridas

nas famílias e nas relações entre pais e filhos; as profundas alterações ocorridas no mundo do trabalho que trouxeram por consequência as alterações nos níveis de consumo e que implicam as questões narcísicas dos sujeitos.

A atuação na adolescência, o ato como manifestação da destrutividade do adolescente em conflito com a lei, revelará nas entrelinhas o não dito. A mudez da pulsão de morte que não encontrou na palavra sua válvula de escape direciona todo esse sofrimento psíquico na atuação (MONTEIRO, 2011).

A atuação coloca em prática as pulsões e os desejos inconscientes do sujeito que não encontram a possibilidade de simbolização pela fala. O adolescente em conflito com a lei, por exemplo, reflete uma relação primordial da mãe e seu filho. Acolher o filho está para além das necessidades físicas. Entender sua angústia, seu desamparo, é humanizar esse sujeito, justificando a importância desse encontro entre mãe e filho nesse momento de desamparo que inicia com o nascimento e se estende em maior ou menor grau ao longo da vida (DOLTO, 2012; LAPLANCHE; PONTALIS, 2014).

Neste sentido, pontuamos a respeito da enorme dificuldade incrustada nos cuidadores em compreender e dar limites a esses adolescentes, sendo por vezes incapazes de impor a castração necessária ao sujeito, não abrindo espaço para o desejo. Também se pode interpretar que a atuação é linguagem, quando, de certa maneira, seus escritos convergem para a historização do sujeito. Nesse caso, as marcas deixadas no indivíduo apontam para uma necessidade de construção e reconstrução de um passado. Assim, poderá construir um presente – enquanto o ato traz a marca do ressentimento como uma expressão do passado atualizado no sujeito (CAHN, 1999; MONTEIRO, 2011; LEIVI, 1995; KEHL, 2014).

As falhas nas representações psíquicas e, em consequência, os aspectos destrutivos em que os adolescentes não encontram palavras para as coisas, manifestam o desamparo. O desligado e o mortífero preponderam sobre Eros e, portanto, não encontram outra via simbólica de tramitação (GREEN, 2008; MELLO 2004).

O empobrecimento da simbolização do discurso, ocorrido pelas falhas nas representações psíquicas pode, segundo os resultados encontrados em Birman (2005) e Costa (2003), ter na impressão de marcas na pele, a exemplo das tatuagens, o ápice da sua expressão, como única saída possível.

A adolescência, como um tempo de descobertas, é a transição para o mundo adulto, no qual se revivem experiências infantis para encontrar as respostas que sustentem a vida adulta.

É um processo histórico singular e não uma etapa determinada. A juventude é uma etapa da vida; a adolescência é ligada a questões do comportamento que podem ir para além da juventude.

Pressupomos que no período da adolescência há a realização de um trabalho psíquico para concretização de algo novo, para entrar no mundo adulto. Destacamos a necessidade do adolescente em ressignificar sua história infantil, assumindo o corpo adulto; reorganizar o processo identificatório – possibilitando um projeto de vida mais amplo. Abrir o processo de dar sentido a sua história, se historicizar, é o que possibilitará seu crescimento. Assim, conclui uma etapa ligada ao infantil, dando início a um novo projeto com a escolha de novos objetos e a consolidação dos seus mecanismos de defesa.

Considerando os processos acima destacados no amadurecimento do adolescente, afirmamos a consolidação do psiquismo, que nesse trabalho de religar as emoções atuais com as infantis, poderá inscrever-se no desejo. A partir do exposto, evidencia-se a necessidade de dar ao adolescente espaço para a palavra. Quando a palavra dá nome aos seus afetos, esvazia-se a energia Tanática que ocuparia esse espaço caso não houvesse possibilidade de simbolização.

A consolidação identificatória do adolescente, de certo modo, também coloca à prova a capacidade de transformação dos pais. Nesse tempo de elaborações e ressignificações, torna-se relevante ao adolescente poder contar com uma família que suporte e crie condições para essa escuta. A energia imposta pelo trabalho psíquico, então, poderá se transformar e não traduzir-se em ataque ao próprio corpo, e sim, ser canalizada para um projeto de vida maior, ampliando as possibilidades de saúde para entrada da vida adulta (LEIVI, 1995; HORNSTEIN, 2008; RODULFO, 1990; BIRMAN, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi pesquisar as manifestações do desamparo em adolescentes postas em ato e no corpo na atualidade, a partir de um viés investigativo alicerçado na teoria psicanalítica, que há mais de um século busca no inconsciente dos sujeitos sua realidade psíquica. É no inconsciente que estão armazenadas todas as experiências relacionadas à realidade, responsáveis por nossa habilidade de expressar ao mundo nosso pensar e sentir. Nossas emoções, quando não simbolizadas através da fala, acabam sendo expressadas em ato ou no corpo.

A importância da família e do espaço aberto ao diálogo no processo de suporte ao amadurecimento dos sujeitos merece atenção. Cabe à família fornecer ao adolescente a continência necessária para a sua caminhada rumo ao amadurecimento, calcada no diálogo e na escuta. Ao adolescente, resta o trabalho psíquico de simbolizar e reorganizar seu processo identificatório. É esse processo que possibilita que o sujeito religue as emoções do presente com experiências passadas, abrindo espaço para uma vida adulta e consolidando seus mecanismos de



defesa, bem como encontrando saídas que não ataquem o corpo ou irrompam em atos transgressores.

Sublinha-se, desde as origens, que, do encontro entre a mãe ou cuidador com o bebê se estabelecem as marcas da cultura que humanizarão o sujeito. É a partir desse primeiro contato que se descerra a fita que inaugura o aparelho psíquico do sujeito. Desse encontro, merece grifo também a função paterna, principalmente na fase edipiana, para que fiquem internalizadas no sujeito as questões que dizem respeito às regras e normas, a fim de que o desamparo não marque presença pela passagem ao ato ou ao corpo.

As falhas nas representações resultam da falta de qualidade dos encontros da criança com seus pais, que por sua vez também não receberam o suporte necessário. Isso marca o desamparo inscrito no nosso tempo como o novo mal-estar na contemporaneidade. Tal mal-estar é evidenciado no social, pela dificuldade encontrada nos adolescentes em dar nome às suas emoções, trazendo-as para o corpo ou ações, num processo de empobrecimento da simbolização do discurso no social. Por consequência do desencontro adulto/criança, surge a dificuldade típica da atualidade em impor limites ao sujeito como registro de falta. Concluímos que, somente com o registro que possibilite simbolização e construção de representações psíquicas capazes de fazer ligações, poderá surgir nos sujeitos a capacidade desejante. Abrir espaço para projetos de vida nos quais se dá voz ao adolescente constrói o mundo simbólico coroado pela palavra.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J.. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In: **Estados Gerais Da Psicanálise: II Encontro Mundial**, Rio de Janeiro, 2003.

BIRMAN, J.. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à prova do Social. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 203-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2014.

BIRMAN, J.. **Tatuando o Desamparo**: a juventude na atualidade, 2005. Disponível em: <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2014.

BIRMAN, J.. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 40(72): 47-62, jun, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

CAHN, Raymond. **O adolescente na psicanálise**: a aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2014.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais**. Atualizações do sagrado / Ana Costa – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. – (Coleção clínica psicanalítica / dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GREEN, A.. **Orientações Para Uma Psicanálise Contemporânea**: Desconhecimentos e Reconhecimentos do Inconsciente. São Paulo: Imago, 2012.



GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HORNSTEIN, M. C. R. (Org.). **Adolescências: trayectorias tubulentas**. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

KEHL, M. R.. **Ressentimento**. 4. ed. São Paulo: Casapsi, 2014, 346 p. (Coleção clínica psicanalítica).

LAPLANCHE, J.. **Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B.. **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. Trad. de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEIVI, B. M. Historización, actualidad y acción en la adolescencia. In: **Psicoanálisis ApdeBA** – Vol. XVII – Nº 3. 1995. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/Leivi4.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

MELLO, M.. **Algunas nociones freudianas en la obra de Machado de Assis**. Madrid. Tese apresentada na Universidad Autónoma de Madrid, 2004.

MONTEIRO, R. A.. **Desamparo e Intensidades em Ato na Adolescência: Riscos ao Devir**, 2011. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3299>. Acesso em: 18 ago. 2014.

ROCHA, L. R. (Org.). **Um movimento psicanalítico: narrativas da teoria, da clínica e da cultura**. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

RODULFO, R.. **O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

